

Campanha eleitoral já está nas ruas

Faltando ainda 17 meses para as próximas eleições, pré-candidatos já se espetam com acusações mútuas e fazem conchavos

Ronaldo Brasiliense
Da equipe do Correio

É pa, largaram! Não mais que de repente, pelo menos oito nomes já estão enfileirados, na linha de partida, prontos para iniciar a corrida rumo ao palácio do Buriti.

Faltam, é verdade, um ano e cinco meses para as eleições de três de outubro de 1998. Mas todos os partidos já fazem conchavos, à esquerda e à direita, prontos para lançarem suas chapas.

A semana passada foi pródiga em eventos pré-eleitorais. Na segunda-feira, 5, o governador Cristovam Buarque fez discurso de candidato em Santa Maria, onde foi inaugurar obras. Na terça-feira, 6, o ex-governador Joaquim Roriz reuniu em sua mansão as principais lideranças do PMDB nacional para anunciar, em alto e bom som, que é candidatíssimo ao governo do Distrito Federal em 1998. Na quinta, o presidente nacional do PFL, José Jorge, reuniu a executiva nacional do partido em Brasília e anunciou que o *pefelê* vai caminhar junto com o PSDB nas eleições para o governo do Distrito Federal.

José Jorge criticou "os populismos de esquerda e de direita que estão acabando com Brasília" — atacando Cristovam e Roriz — para apontar o caminho da terceira via ao governo do DF. E deixou claro que a chapa PSDB/PFL terá respaldo integral do presidente Fernando Henrique Cardoso.

Por enquanto, todos cantam vitória e enumeram as vantagens que terão na briga pelo Palácio do Buriti. Joaquim Roriz exhibe pesquisas internas que o apontam como franco favorito. Ele teria 35% das intenções de voto, mais que o dobro dos votos dados ao governador Cristovam Buarque (PT).

A escola de samba dos petistas brasilienses, com todas as suas alas, também faz contas favoráveis: Cristovam espera ter em 1998 uma Frente Brasília Popular ampliada com a participação do PDT e dos *esquerdistas* que deixaram o PSDB — liderados pelo ex-deputado Luiz Carlos Sigmaringa Seixas. Y otras cosas más.

No lado tucano, a conta é simplória: o partido do presidente Fernando Henrique Cardoso tem crescido em todo o país, vai ter o melhor cabo eleitoral da campanha de 98 — o próprio FHC e o sucesso do Plano Real — e poderá somar o maior tempo no horário de propaganda eleitoral gratuita se conseguir as adesões de PFL, PPB e PTB à provável candidatura do senador José Roberto Arruda.

Até mesmo o deputado federal Augusto Carvalho (PPS), que tem sido bem votado nas pesquisas eleitorais, se coloca no páreo. Ele se considera uma alternativa à frente das esquerdas e exhibe a seu favor, lógico, pesquisas mostrando que ele, Carvalho, tem os menores índices de rejeição entre todos os

candidatos na disputa.

CHAPA IMBATÍVEL

Joaquim Roriz continua na toca, mas já antecipou a chapa majoritária que considera imbatível para concorrer em 1998: ele mesmo para o governo, com o deputado-empresário Luiz Estevão disputando a vaga ao Senado. Roriz se compara a um rolo compressor, anuncia que o combate ao desemprego será sua principal meta de campanha e já vem participando ativamente de encontros políticos com empresários, pedindo respaldo à sua candidatura.

No encontro com os caciques do PMDB, Roriz pediu ao senador Jader Barbalho que interceda junto ao presidente Fernando Henrique para que ele não participe da campanha em estados onde se defrontarão candidatos de partidos que apóiam o governo. Caso de Brasília, onde Roriz certamente terá que enfrentar o candidato da aliança PSDB/PFL.

No PT, apenas o governador Cristovam Buarque e a vice-governadora Arlete Sampaio têm chances de disputar o governo. O deputado Chico Vigilante diz que pode ser candidato. Na verdade, quer fortalecer seu nome como alternativa do partido para disputar o Senado. O deputado distrital Geraldo Magela também propaga que pode levar seu nome à convenção petista, mas na realidade quer mesmo concorrer à Câmara dos Deputados.

"Falar em candidatura agora é prematuro. Se o Cristovam for lançado candidato, bastará visitar uma obra para receber acusações de eleitoreiro e de usar a máquina", ensina o deputado Chico Vigilante, reconhecendo que vai defender a recandidatura de Cristovam dentro do partido.

REGRAS DO JOGO

"Antes de se fazer qualquer aliança, é preciso se conhecer as regras do jogo", alerta Augusto Carvalho. Ele lembra que ainda está em discussão no Congresso Nacional a emenda da reeleição para presidente da República, governadores de estado e prefeitos municipais e há uma proposta para que seja excluído da legislação o segundo turno nas eleições. Carvalho está coberto de razão. Se não houver segundo turno nas eleições para governador em 1998, o quadro muda radicalmente.

Augusto Carvalho deixa claro que seu nome foi lançado ao governo pelos dirigentes locais do PPS como uma alternativa de esquerda — uma espécie de quarta via. Mas o próprio Carvalho reconhece que encontrará dificuldades para viabilizar sua candidatura. "Em Belo Horizonte, o PT não abriu mão de candidatura própria à prefeitura mesmo quando Célio de Castro contava com a simpatia do prefeito Patrus Ananias", lembrou. "Aqui em Brasília, dificilmente o PT aceitará apoiar um candidato de outro partido", lamenta.

Carlos Eduardo



Cristovam Buarque tem que driblar as brigas internas do Partido dos Trabalhadores mas já tem trunfos para mostrar ao eleitor para tentar a reeleição

Sincero, Carvalho confessa um certo desconforto na Frente Brasília Popular. Em mais de dois anos, se encontrou apenas duas vezes com o governador Cristovam Buarque, não fala com o deputado Chico Vigilante e tem no secretário de Trabalho, Pedro Celso, um notório desafeto. Carvalho não descarta uma aliança com o PSDB — que considera um partido progressista — e destaca que o inimigo comum a vencer é o ex-governador Joaquim Roriz.

TRUNFOS NA MANGA

Se topar disputar sua própria sucessão — o que é cada vez mais provável —, Cristovam Buarque revelará, aos poucos, os trunfos que guarda na manga da câmbisa. Um deles, para alfinetar seu maior rival, Joaquim Roriz (PMDB), será a inauguração do metrô de Brasília — idealizado por Roriz — no primeiro semestre de 1998 e não às vésperas da eleição para não parecer obra eleitoreira.

Cristovam também poderá exhibir ao eleitorado brasiliense o sucesso do programa da bolsa-escola: já são 23 mil famílias beneficiadas até hoje, número que poderá ser ampliado

para até 26 mil ano que vem. O governador também vai inaugurar obras de infra-estrutura nos principais redutos eleitorais do Distrito Federal (Taguatinga, Ceilândia, Planaltina, Plano Piloto, Guará, Gama, Sobradinho, etc...), inclusive a bargagem de Pipiripau, que acabará com o drama da falta de água em Sobradinho e Planaltina.

Pragmático, Cristovam deu sinal verde para a venda de parte das ações da Companhia Energética de Brasília (CEB), uma das mais rentáveis do país, conseguindo arrecadar mais de R\$ 70 milhões — recursos que foram inteiramente destinados ao orçamento participativo —, com a população decidindo as obras prioritárias a serem executadas pelo governo.

O Projeto Orla, o Porto Seco, os parques temáticos e as obras de saneamento que vem realizando em todo o Distrito Federal são outros trunfos que Cristovam Buarque terá para exibir na campanha.

"A maior obra de Cristovam foi ter interrompido a roubaheira que havia em Brasília", resume Chico Vigilante, que não gostou nem um pouco de a deputada Lucia Carvalho ter lançado, na quinta-feira, a

candidatura de Cristovam a um novo mandato.

TERCEIRO MURO

Fazendo jus à fama, os tucanos continuam em cima do muro.

Com mandato até 2002, o senador José Roberto Arruda (PSDB) tem uma situação cômoda: líder do governo no Congresso Nacional, é apontado como nome certo para liderar uma "terceira via" na corrida ao palácio do Buriti. Mas, antes de qualquer decisão, Arruda tenta consolidar uma forte aliança reunindo o deputado Augusto Carvalho (PPS), o PFL dos deputados Osório Adriano e Benedito Domingos e o PPB do também deputado Wigberto Tartuce.

Muito vivo, Arruda se faz de morto. Diz que, por decisão de seu diretório nacional, o PSDB vai lançar candidatos próprios aos governos de todos os estados — até para aproveitar o embalo da recandidatura do presidente Fernando Henrique Cardoso.

"A campanha, mesmo, só vai esquentar depois do carnaval e, provavelmente, só pega fogo após a Copa do Mundo", prevê o discreto José Roberto Arruda, que não assu-

me, ainda, sua candidatura, embora até os gabinetes do palácio do Buriti saibam que é para lá que o senador tucano quer se mudar.

Em sua cruzada, de quebra, Arruda já contaria com o apoio do senador Valmir Campelo, do PPB, ex-alocado de Joaquim Roriz, que tem poucas chances de se reeleger. O objetivo de Arruda é mostrar ao eleitorado brasiliense que não tem mais amarras com o grupo liderado por Roriz — que o lançou na política — e que, hoje, o considera um traidor.

Enquanto não se lança candidato, Arruda trata de consolidar seu nome em todo o Distrito Federal, assumindo uma postura de parlamentar acima das camadas de turbulência, interessado em garantir os repasses de recursos federais para Brasília, usando sua influência de líder junto aos altos escalões do poder.

"Roriz e Cristovam estão muito desgastados. Eu vou apoiar o Arruda", antecipa o deputado Wigberto Tartuce (PPB), que só vê uma pedra no caminho do senador tucano: a possibilidade de o PMDB lançar candidatura própria à Presidência da República. Com isso, na avaliação de Vigão, Arruda poderia desistir da disputa.